



Interpretação intermodal em conferência multilíngue: de língua estrangeira para língua de sinais

Interpretación intermodal en conferencia multilingüe: de la lengua extranjera a la lengua de señas

Intermodal interpretation at a multilingual conference: from foreign language into sign language

Vânia de Aquino Albres Santiago *

Eda María Vera Turcato **

* Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem PUC-SP. Mestre em Educação Especial pela UFSCar. Docente no curso de Especialização de Tradutores e Intérpretes de Libras e Língua Portuguesa no Instituto de Ensino Superior de São Paulo - Singularidades, Brasil. Tradutora e Intérprete de Libras-B/Português-A/Espanhol-C e Guia-intérprete para Surdocegos. E-mail: vania.santiago10@yahoo.com.br

** Diplomatura de Lengua de Señas Argentina/Español. Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras (Combinación lingüística Portugués/Lengua de Señas Argentina). Docente de la Universidad Provincial de Administración Pública, Salta, Argentina. Coda, Intérprete de Lengua de Señas Argentina/Español. Intérprete del equipo del Ministerio de Educación, CABA. E-mail: edainterprete@gmail.com.

Resumo: O objetivo deste artigo é descrever a atividade de interpretação simultânea intermodal no contexto de conferências e eventos multilíngues, tendo como língua de partida uma língua estrangeira vocal/oral (língua C) e língua de chegada a língua de sinais do país do intérprete (língua B). A base teórico-metodológica é a Análise Dialógica do Discurso (ADD). Realizamos entrevista com dois intérpretes de línguas de sinais que atuam de Língua C para Língua B, um intérprete brasileiro e outro argentino. Apresentamos discussões sobre o tema do bilinguismo/multilinguismo e sobre esforços para a interpretação simultânea nesse contexto. Consideramos a necessidade de estudos específicos sobre a atuação de intérpretes de línguas de sinais em situações multilíngues, em especial para embasar a formação profissional.

Palavras-chave: língua de sinais; interpretação intermodal multilíngue; Línguas A, B e C.

Resumen: El objetivo de este artículo es describir la actividad de interpretación simultánea intermodal en el contexto de conferencias y eventos multilingües, teniendo como lengua de origen una lengua extranjera vocal/oral (lengua C) y como lengua de destino la lengua de señas del país del intérprete (lengua B). La base teórico-metodológica es el Análisis Dialógico del Discurso (ADD). Hemos entrevistado a dos intérpretes de lengua de señas que trabajan de la lengua C a la lengua B, un intérprete brasileño y otro argentino. Presentamos debates sobre el bilingüismo/multilingüismo; sobre los esfuerzos que se realizan para la interpretación simultánea en ese contexto. Consideramos la necesidad de realizar estudios específicos sobre la actuación de los intérpretes de lengua de señas en situaciones multilingües, especialmente para basar la formación profesional.

Palabras clave: lengua de señas; interpretación multilingüe intermodal; lenguas A, B y C.

Abstract: This article aims to describe the activity of intermodal simultaneous interpretation in the context of multilingual conferences and events, having as source language an vocal/oral foreign language (language C) and target language the sign language of the interpreter's country (language B). The theoretical-methodological basis is Dialogical Discourse Analysis (DDA). We conducted interviews with two sign language interpreters who work from Language C to Language B, one Brazilian and one Argentinian interpreter. We present discussions on the topic of bilingualism/multilingualism and on efforts towards simultaneous interpreting in this context. We consider the need for specific studies on the performance of sign language interpreters in multilingual situations, especially to provide a basis for professional formation.

Keywords: sign language; intermodal multilingual interpretation; Languages A, B and C.

Introdução

O contexto de encontros multiculturais multilíngues é cada vez mais comum em diferentes âmbitos da sociedade, em especial na atual situação de pandemia, em que os eventos se multiplicaram impulsionados pela possibilidade de interações virtuais. Este estudo tem como objetivo descrever a atividade de interpretação simultânea intermodal no contexto de conferências e eventos multilíngues, tendo como língua de partida uma de língua estrangeira vocal/oral (língua C) e língua de chegada a língua de sinais do país do intérprete (língua B).

Ao recorrermos aos estudos da tradução e da interpretação observamos, de um modo geral, uma distinção entre essas duas principais atividades, de tal modo que consideramos importante diferenciá-las, como forma de proporcionar a caracterização do nosso objeto de estudo, a atividade de interpretação.

Pöchhacker (2004), considera a interpretação como um objeto de estudo de natureza multifacetada, ele explica que dentro da estrutura conceitual da Tradução, a Interpretação pode ser distinguida de outros tipos de atividades translacionais, muito sucintamente, pelo seu “carácter imediato: “em princípio, a interpretação é executada “aqui e agora” em benefício de pessoas que querem envolver-se na comunicação através de barreiras de língua e cultura” (PÖCHHACKER 2004: 10).

Do ponto de vista discursivo, a *atividade de traduzir* consiste no processo de versar um texto de uma língua/cultura para outra, nas condições em que o profissional tem tempo de estudo e reflexão antes do início da produção e registro da sua tradução, o que proporciona um distanciamento real e conceitual do texto e conseqüentemente maior consciência do gênero textual e discursivo a ser trabalhado, e maior compreensão dos aspectos que envolvem a atividade, com a possibilidade de revisão e refação do trabalho. Já a *atividade de interpretar*, exige que o profissional atue concomitantemente, no limite do tempo do apresentador e no limite da sua própria compreensão do processo de mediação entre línguas, sujeitos e entonações, de forma condicionada ao contexto imediato, situada no plano do imprevisível e de forma imediata, seja

de forma simultânea, intermitente, consecutiva ou outra modalidade (SANTIAGO 2021).

Observando os aspectos linguísticos e extralinguísticos envolvidos na atividade de interpretação, a esfera de conferências também agrega um nível de complexidade que os profissionais intérpretes precisam saber gerenciar, que exige um alto nível cognitivo e discursivo.

Gile (2009), na publicação *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training*, na perspectiva da teoria dos esforços cognitivos, propõe o fator compreensão como ponto fundamental do trabalho de tradução e interpretação de discursos especializados, e por esse motivo o representa por meio de uma equação, literalmente matemática, onde a compreensão para o processo de interpretação resulta da soma entre conhecimento linguístico e conhecimento extralinguístico (conhecimento de mundo ou enciclopédico).

Para Gile (2009: 82), “a compreensão não é uma variável binária” e, portanto, deve-se considerar um continuum entre a não-compreensão e o que se poderia chamar de “compreensão plena”, mas na realidade, segundo ele, nenhum destes pólos é absoluto de forma alguma. Para o autor, a relação entre o conhecimento linguístico e o conhecimento extralinguístico é ponto fundamental e diferencia as atividades de tradução e de interpretação também a partir desses dois componentes:

Componente linguístico: na tradução os tradutores que lidam com textos técnicos ou científicos é necessário terem um conhecimento extensivo da língua de partida na sua parte geral, cultural, mas talvez uma menor necessidade de estarem familiarizados com termos tecnológicos e científicos. Na atividade de interpretação o problema é precisamente o fator de incerteza: os discursos podem ser fáceis de compreender a maior parte do tempo, mas a ética profissional exige que o intérprete seja capaz de lidar adequadamente com as dificuldades quando estas surgem (GILE 2009).

Componente extralinguístico: na atividade de tradução ele pode ser dividido em duas subcategorias: - Conhecimento extralinguístico; e Conhecimentos contextuais adquiridos a partir do Texto e da situação. E é útil na medida em que facilita a antecipação e a compreensão do texto não só no que diz respeito

à desambiguação linguística, mas também quando se lê nas entrelinhas. Já na atividade de interpretação a contribuição do conhecimento contextual, que também é situacional ou ambiental no caso de o intérprete estar presente no ambiente físico no momento em que a comunicação acontece é geralmente importante. A compreensão do discurso especializado na interpretação exige tempo necessário para processar palavras únicas a fim de as 'compreender' no contexto em uma fração de segundo (GILE 2009).

Compreendemos que as diferenciações não são estanques, mas que, entretanto, colaboram consideravelmente com os Estudos da Tradução e da Interpretação, no sentido de que esclarecem aspectos fundamentais da operacionalização destas duas atividades.

A atividade de interpretação entre línguas vocais/orais (português, inglês, espanhol, francês etc.) acontece mais frequentemente em conferências internacionais e ou no âmbito corporativo (palestras, apresentações, reuniões etc.) agregando também a interpretação de ligação (*liaison interpretation*) em reuniões, recepções, almoços ou jantares de negócios, feiras e aparições públicas (PÖCHHACKER 2010). Complementamos ressaltando que a presença da língua de sinais está cada vez mais marcante em conferências nacionais e internacionais, ao passo que a acessibilidade comunicacional e de informação se torna uma premissa em diversos tipos de conferências.

Podemos dizer que a conferência é uma forma organizada de comunicação entre as pessoas, e tem a finalidade de organizar a conversação e confronto de ideias e conceitos. A complexidade da conferência também se dá pela multiplicidade de temas, de pessoas e de línguas envolvidas, e esses elementos influenciam nas direcionalidades da interpretação.

Conforme Nogueira, o contexto de conferência é um dos principais espaços de atuação do intérprete de língua de sinais, segundo ele “é um local que envolve múltiplas características, como o tipo de discurso e a configuração entre os participantes por exemplo, exigindo do profissional que irá atuar nesse ambiente o domínio de tais características” (NOGUEIRA 2016: 65).

Uma conferência pode ser unidirecional, bidirecional ou multidirecional, ou seja, respectivamente, no primeiro caso uma pessoa apresenta verbalmente

um discurso com suas ideias e conceitos e os demais participantes apenas recebem as informações e refletem sobre o exposto; no segundo caso, bidirecional, temos no mínimo dois debatedores que apresentam verbalmente seus discursos e debatem entre si com perguntas e respostas; no terceiro caso, multidirecional, temos no mínimo dois debatedores que apresentam verbalmente suas ideias, seus discursos, podendo ter a presença de uma terceira pessoa como mediadora que participa da discussão e nesse caso o público também é inserido no debate.

Sobre o complexo contexto de conferências, além das características já apresentadas, Santiago e Lourenço (2019) explicam que o contexto de conferências multilíngue multimodal tem se tornado comum no Brasil, envolvendo também uma língua de sinais estrangeira, ASL ou Sinais Internacionais, interpretada para a língua portuguesa oral, que, por sua vez, é interpretada para a Libras, que ainda é guia-interpretada (GI) para a audiência surdocega. Nesse sentido, as direcionalidades e camadas podem se tornar ainda mais complexas.

No âmbito da América Latina vemos diferentes configurações de eventos internacionais e vale ressaltar que dentre os 20 países que compreendem este conjunto, a grande maioria são falantes de espanhol; apenas Guiana Francesa, Haiti e algumas ilhas do Caribe são falantes do francês; e o Brasil é o único país que tem como língua oficial o português. Consideramos importante trazer esses dados porque em eventos que contemplam temas de interesse da América Latina, ou, como é mais comum, com maior participação de países da América do Sul, devido a questões geográficas e de logística, vemos linguisticamente diferentes configurações.

Assim, podemos dizer que intérpretes nativos do Brasil têm muito mais contato com situações que demandem a interpretação a partir do espanhol (como língua estrangeira), em comparado à oportunidade de interpretar partindo do português, por exemplo, para intérpretes nativos da Argentina, Chile, Paraguay, Uruguay, Bolívia, e demais países *hispanohablantes*. E nesse sentido, a demanda por interpretação a partir de uma língua estrangeira é cada

vez mais comum, e a direção inversa também, a partir de uma língua de sinais para uma língua estrangeira vocal/oral.

E esse encontro com o texto, com o discurso, e, portanto, o encontro com o outro que instaura o procedimento, a atividade, sempre em relação ao tempo/espço, constituída também pelo destinatário e pela realidade material das línguas envolvidas (SANTIAGO 2021: 64).

Ademais, as pessoas surdas têm ganhado cada vez mais espaço e voz, atuando cotidianamente na luta por seus direitos, e vêm derrubando barreiras e participando efetivamente de diferentes esferas sociais onde antes não eram permitidos participar, a comunidade surda organizada em coletivos como tantos outros grupos de minorias social e linguística. Nesse contexto, a atuação dos intérpretes de língua de sinais é desafiante e de grande responsabilidade, fazendo frente junto à comunidade surda na luta por seus direitos e na participação efetiva em todas as esferas sociais.

1. Interpretação intermodal plurilíngue

Embora este estudo se concentre em pessoas multilíngues, nos referimos ao bilinguismo e o estendemos ao multilinguismo. Assim, esta sessão é dedicada à reflexão sobre as conexões entre bilinguismo/multilinguismo e o uso profissional dos idiomas que ocorre na instância da interpretação simultânea em conferências, tema de experiência e interesse das autoras deste artigo. A partir dos estudos de Grosjean (2008), entendemos o termo bilinguismo de um ponto de vista holístico, ou seja, qualquer pessoa que usa duas ou mais línguas regularmente na vida cotidiana é bilíngue/plurilíngue, o que não implica pensar em um bilíngue como dois monolíngues em uma pessoa. Nos termos de Grosjean, não se pode usar o parâmetro de uma pessoa monolíngue para determinar se uma pessoa é bilíngue ou multilíngue, já que essas pessoas usam esses idiomas para diferentes propósitos, com diferentes pessoas em diferentes configurações, dependendo das necessidades de uso desses idiomas. Em outras palavras, uma pessoa não adquire duas formas diferentes e não relacionadas de

agir e se comunicar, mas se torna plurilíngue e desenvolve uma interculturalidade.

A condição do sujeito plurilíngue é uma construção individual e social à medida que a experiência linguística de uma pessoa se expande da língua da família para a língua da sociedade em geral e que também se desenvolve para a língua de outras culturas, seja formalmente na escola, em cursos de ensino de línguas, ou através de experiências diretas em situações de comunicação diversas.

Autores como Hurtado Albir (2001) fazem uma classificação ancorada no momento da aquisição do(s) outro(s) idioma(s) e/ou proficiência nos mesmos: bilíngues precoces, bilíngues tardios, bilíngues compostos, bilíngues simétricos (quando ambos os idiomas foram adquiridos na mesma situação semiótica e cultural), bilíngues simétricos e assimétricos (que tenham o mesmo conhecimento em ambos os idiomas ou não ou apenas algum conhecimento, como conhecimento técnico). Sobre as competências:

As competências são a soma de conhecimentos, habilidades e características individuais que permitem a uma pessoa realizar ações.

- As competências gerais são aquelas que não estão diretamente relacionadas com o idioma, mas que podem ser utilizadas para ações de todos os tipos, incluindo atividades linguísticas.

- As competências comunicativas são aquelas que permitem a uma pessoa agir usando meios especificamente linguísticos (ALBIR 2001: 30).

À medida que mais pesquisas sobre bilinguismo/multilinguístico são realizadas, percebemos que a idade de aquisição de segunda língua é uma questão que deve ser levada em conta em várias dimensões. Harmers e Blanc (2000) referem-se ao status dos idiomas, primeira língua (L1) e segunda língua (L2), envolvidos no processo de aquisição de segunda língua em termos de "bilinguismo aditivo" em que L1 e L2 são igualmente valorizados e "bilinguismo subtrativo", a L1 é desvalorizada e isto traz danos ao indivíduo especialmente

em idades precoces, como pode ser o caso de crianças *Coda*¹ (*Child of Deaf Adults*) ou de pessoas em situação de comunidades minoritárias.

A partir do exposto, ressaltamos que é o encontro entre sujeitos, na cadeia discursiva em uma situação concreta, que determina o acontecimento da comunicação discursiva. Bakhtin (2017) explica que o diálogo é o contato entre indivíduos e não entre coisas, portanto, entre palavras, que paulatinamente se transformam e revelam seu potencial de sentidos.

Portanto, é relevante pensar na atividade de interpretação interlingual, de verter enunciados/ discursos de uma língua/cultura para outra língua/cultura, observando como os sujeitos mobilizam os enunciados nas línguas de trabalho durante a tarefa de interpretação. Com efeito, consideramos que ser um sujeito bilíngue/plurilíngue, aquele que se comunica em diferentes línguas, contudo, que traduzir ou interpretar de uma língua/cultura para a outra é uma atividade profissional que exige o desenvolvimento de competências específicas, em especial quando a atividade de interpretação envolve línguas de modalidades diferentes e, também, de nacionalidades diferentes.

Sobre o aspecto que caracterizam a intermodalidade e a intramodalidade, Rodrigues (2018) explica que tradução e interpretação intermodal ocorre entre línguas de distintas modalidades - uma vocal-auditiva e outra gestual-visual; já a tradução e interpretação intramodal ocorre entre línguas de mesma modalidade - entre duas línguas vocais-auditivas ou entre duas línguas gestuais-visuais.

Pöchhacker (2004) explica que na interpretação que envolve a língua de sinais a maioria dos intérpretes por não serem nativos nessas línguas a interpretação sinal-para-voz³ é algo mais desafiador, segundo o autor, também

¹ O acrônimo *Coda* resume o conceito de filhos ouvintes de pais surdos que têm a língua de sinais como primeira língua e cujos modos de se relacionar pela língua de sinais são igualmente internalizados no convívio familiar (QUADROS 2017).

³ Interpreting into a signed language is sometimes referred to, loosely, as 'signing' ('voice-to-sign interpreting' or 'sign-to-sign interpreting'), as opposed to 'voicing' or 'voice-over interpreting' ('sign-to-voice interpreting'). A special modality is used in communication with deafblind persons, who monitor a signed message, including fingerspelling, by resting their hands on the signer's hands (tactile interpreting) (PÖCHHACKER, 2004, p. 18).

pela diferença de modalidade, em contraste com a situação de interpretação simultânea de outras direcionalidades⁴.

Portanto, compreendemos que para além da competência comunicativa, interpretar exige diferentes níveis de proficiência e diferentes competências específicas para atuar a em cada contexto, esfera e situação. Na temática do bilinguismo/plurilinguismo, alguns conceitos são normalmente elencados como por exemplo: *língua materna*, *falante nativo*, *língua estrangeira* e *língua de conforto*, vamos tentar compreender como esses conceitos se relacionam com a atividade de interpretação.

A *língua materna*, na maioria dos casos, é a língua que uma criança tem contato na primeira infância, língua responsável pelo desenvolvimento da linguagem e do pensamento. O conceito de língua materna não é simples, etimologicamente a língua materna é a língua da mãe, mas também se considera a língua da pessoa com quem o sujeito em fase de aquisição de linguagem tem laços afetivos e interacionais intensos desde tenra idade.

No caso da comunidade surda, conceituações mais simplistas não resolvem esse problema conceitual. Pois a comunidade surda apresenta diferentes configurações parentais, principalmente e em grande maioria no caso com mães ouvintes e filhos surdos, em que nem sempre a língua materna vai ser a primeira língua para os filhos surdos. Ou seja, nessa configuração há uma quebra comunicativa por uma série de fatores interacionais, por motivo de aspectos fisiológicos (graus de surdez) e psicossociais (que envolvem como a família encara a condição surdez), mas em especial, por que a língua da mãe (língua de produção vocal-auditiva) não é acessada pelo filho ou filha surda. Dessa forma, em diversas ocasiões a língua materna para esses sujeitos surdos ainda será a língua da mãe, mas essa língua materna não será a sua primeira língua (L1), a sua L1 será provavelmente a língua de sinais que lhe é acessível visualmente. Maher (*apud* MEGALE 2012: 75) explica que refletir sobre língua

⁴ In contrast, sign language interpreters, most of whom are not native signers, typically practice simultaneous interpreting as A-to-B interpreting and consider B-to-A, that is, sign-to-voice interpreting, the more challenging direction (PÖCHHACKER, 2004, p. 21).

materna, “ultrapassam-se fronteiras linguísticas e se coloca em jogo questões relacionadas à identidade”.

Neste artigo, trataremos mais especificamente das diferentes configurações interacionais e discursivas que colaboram para a construção de repertório dos TILS. Nesse sentido, advertimos que não cabe uma discussão mais elaborada sobre o bilinguismo de pessoas surdas. Portanto, seguimos para o conceito de falante nativo.

O *falante nativo* pode ser essa pessoa que adquire determinada língua na infância, ou a pessoa que vive em uma situação prolongada cotidiana de uso dessa língua, e que domina seu uso em diferentes níveis, situações e contextos. Por outro lado, a língua estrangeira é a língua que se aprende em faixa etária posterior à fase crítica de aquisição de linguagem, e normalmente, não é a língua em uso no país ou na localidade em que se vive, aprendida sistematizadamente em cursos ou programas de intercâmbio.

Conforme Megale (2018), ao refletir sobre língua nativa, explica que classificações com visão monoglóssica são um problema, pois consideram que que sujeitos bilíngues são os que possuiriam conhecimento linguístico equivalente em ambas as suas línguas, e ainda desconsideram que, “a depender das ‘demandas’ comunicativas dos diferentes contextos sociais com os quais convive (família, escola, igreja, trabalho e vizinhança, por exemplo), o indivíduo, sempre, desenvolverá conhecimentos diferentes nas línguas do seu repertório” (MEGALE 2018: 8).

O conceito *língua de conforto* se refere à língua mais acessível, a língua que permite ao falante sentir-se seguro e confortável para comunicar-se. Assim, o conforto linguístico é reivindicado, especialmente na situação bilíngue imposta pelo contexto ou pela condição social, situação em que majoritariamente a língua falada não é língua acessível para falante. No caso de pessoas surdas, a língua vocal/oral, na modalidade escrita ou falada, normalmente não é a sua língua de conforto, por ser inacessível pela condição da surdez ou por ser aprendida de forma não natural (SANTIAGO e ANDRADE 2013).

Diante do exposto, explicamos que é nesse contexto, do plurilinguismo, e interpelado por esses conceitos, que atua o intérprete de língua de sinais,

que desenvolve sua prática, em especial na interpretação no contexto de conferências, entre diferentes níveis de língua e de linguagem, e que se apresenta plurilíngue a partir de diferentes perspectivas, condições e vivências e experiências profissionais. Portanto, trataremos, em seguida de aspectos profissionais e operacionais.

Sobre a interpretação em conferências, Pagura (2003) explica que o intérprete deve ter pleno domínio das formas de expressão oral de ambos os idiomas, e diz ainda que não seria arriscado declarar que o intérprete deve ter maior domínio das línguas, do assunto, da cultura-fonte e da cultura-alvo.

Conforme a Associação Internacional de Intérpretes de Conferências - AIIC a classificação das línguas de trabalho na atuação em conferências gira em torno da classificação A, B e C.

Artigo 7 - As línguas de trabalho dos membros da Associação serão classificadas em três categorias, denominadas "A", "B" e "C", as quais serão definidas do seguinte modo: Línguas ativas: A: A língua materna do intérprete (ou outra língua estritamente equivalente a uma língua materna), para a qual o intérprete trabalha a partir de todas as suas outras línguas, e como regra geral, em ambos os modos de interpretação, simultânea e consecutiva. Todos os membros devem ter pelo menos uma língua "A", mas podem ter mais do que uma. B: Uma língua diferente da língua materna do intérprete, da qual ela ou ele tem um comando perfeito e para a qual trabalha a partir de uma ou mais das suas outras línguas. Alguns intérpretes trabalham para uma língua 'B' em apenas um dos dois modos de interpretação. Línguas passivas: C: Línguas, das quais o intérprete tem um entendimento completo e a partir das quais trabalha (AIIC 2018).

Não obstante, sobre a atuação do intérprete de língua de sinais em conferências públicas, privadas, comerciais e acadêmicas, de um modo geral e predominante, o público-alvo da sua interpretação são as pessoas surdas que se comunicam em língua de sinais. Configuração observada neste estudo, que se refere a interpretação em conferências de língua estrangeira vocal/oral (Língua C - passiva) para a direção da língua de sinais (Língua B - ativa).

Conforme Job (2018), o contexto de conferência sempre esteve presente em âmbito nacional e internacional, exigindo do intérprete de língua de sinais, conhecimentos e competências específicas para sua atuação. A autora explica ainda que com eventos que ampliam suas práticas tecnológicas, tratando de

diversos temas e sendo capaz de ter transmissões ao vivo, necessitam de reflexões sobre novas dinâmicas sociais e práticas de interpretação que acompanhem essas mudanças (JOB 2018: 25). Observamos essa demanda durante a Pandemia do Covid 19, que multiplicou exponencialmente o número de conferências remotas e Web conferências, com participações internacionais e com a necessidade de interpretação em várias direções, necessitando também de desenvolvimento suporte tecnológico específico para esse fim.

Outro aspecto da atuação em conferências, além da combinação linguística e das questões tecnológicas, é a forma de atuação em relação ao tempo. Podemos dizer que a interpretação simultânea é bastante comum em conferências.

Na interpretação simultânea o texto que se produz na língua de partida é reformulado para a língua de chegada de forma concomitante, pode acontecer em cabina ou não, porém é preciso esclarecer que a simultaneidade não é absoluta, o intérprete produz os enunciados com alguns segundos de diferença, segundos esses necessários para que possa compreender as unidades de sentido antes de reformular os enunciados na língua de chegada. Segundo Hurtado Albir (2001: 83) chama essa diferença de segundos de *desfase*, também conhecida como *lag time* ou *décalage*. A interpretação simultânea demanda do intérprete a capacidade de reformulação dos blocos de sentido enquanto compreende o enunciado seguinte do orador, e segundo a autora, é necessário desenvolver estratégias de *desfase*, ou seja, gerenciar o tempo necessário entre a compreensão e a reformulação no texto de chegada.

Observamos nesse tópico aspectos linguísticos, extralinguísticos, culturais e técnicos que envolvem a interpretação em conferências. Salientamos que quanto maior domínio o intérprete tem do contexto e da situação de interpretação, mais tranquila será sua atuação, no que diz respeito a esses aspectos e não menos importante o conhecimento da temática/conteúdo que irá interpretar, o que exige o preparo específico para cada interpretação no que diz respeito também a terminologia específica e ao repertório contextual e discursivo, pontos extremamente relevantes para a atuação em conferências.

2. Metodologia

Elegemos a metodologia de pesquisa qualitativa que de acordo com Dicker (2009) tem por objetivo compreender razões, valores, motivações e fenômenos a partir de uma abordagem observacional e interpretativa de uma realidade construída a partir de fenômenos socialmente construídos. Neste estudo esses fenômenos serão estudados a partir da Análise Dialógica do Discurso (ADD). Para Bakhtin (2016a), não há objeto científico nas ciências humanas que não seja discursivo. Isso significa dizer que o objeto das ciências humanas é o texto no seu sentido mais amplo e mais específico.

Assim, a coleta de dados foi organizada a partir da entrevista em profundidade, que conforme Gil (2008) permite a liberdade de expressão do entrevistado e também a manutenção do foco pelo entrevistador.

A partir desse pressuposto, a coleta de dados está organizada a partir de relatos de experiências em entrevista com intérpretes de línguas de sinais que atuam de Língua C (língua estrangeira) para Língua B (língua de sinais do seu país) considerando a atuação de intérpretes multilíngues intermodais, que mobilizam conceitos em pelo menos 03 línguas. Faz-se necessário esse detalhamento, para esclarecer os critérios de inclusão dos participantes e o enfoque das questões para os participantes.

Este estudo não abordará a interpretação intramodal, ou seja, entre línguas de mesma modalidade, também não incluímos na discussão eventos com a interpretação de língua estrangeira para a língua de sinais tátil, compreendendo que se trata de uma atividade com outras características que envolve a modalidade gestual-tátil. Assim como também não enfocaremos a interpretação de língua estrangeira para língua de sinais como interpretação *relay*, ou seja, a interpretação intermediária que alimenta interpretação para uma outra língua, entendendo que esses aspectos exigiriam talvez uma outra forma de coleta de dados para compreensão da atividade em si.

O pesquisador será sempre intimado a tomar decisões - teóricas, metodológicas, fazer recortes - a partir dessa posição que ocupa; uma posição dialógica, de quem não deve emudecer o texto do outro mas deve, ao mesmo tempo, cobri-lo de sentido, de modo a garantir

TradTerm, São Paulo, v.43, p. 27-53

www.revistas.usp.br/tradterm

volume à voz do pesquisador, registrar sua assinatura na objetivação de sua investigação (CAMPOS 2018: 40).

Assim, delimitamos nosso objeto de estudo: discursos sobre interpretação intermodal de língua estrangeira vocal/oral para língua de sinais do país/nacional em contexto de conferências multiculturais e multilíngues. Dessa forma, a pesquisa envolveu sujeitos intérpretes de línguas de sinais de seus países e falantes do português e/ou do espanhol.

Tabela 1: Classificação das línguas de interpretação

Língua de partida	Língua C - língua vocal/oral estrangeira
	Língua A - língua vocal/oral do país à qual o intérprete é nativo
Língua de chegada	Língua B - língua de sinais do país - nativo ou não nativo

Fonte: Autoras

Organizamos perguntas disparadoras para a entrevista em profundidade com os intérpretes participantes. A Análise dialógica do discurso foi base para a leitura dos relatos e para situar os dizeres dos intérpretes a partir de uma perspectiva enunciativo-discursiva.

Tabela 2: Questões disparadoras para entrevista

1. Há quanto tempo você atua como intérprete de língua de sinais?
2. Você se considera trilingue ou multilingue? Explique como aprendeu as línguas e em que contextos as utiliza.
3. Qual o seu nível de proficiência na língua estrangeira (língua de partida)?
4. Qual o seu nível de proficiência na língua de sinais do seu país (língua de chegada)?
5. Como foi sua primeira experiência de interpretação de uma língua estrangeira vocal/oral para a língua de sinais, quais foram as línguas de partida e de chegada?
6. Como você se prepara para esse tipo de atuação, e o que você necessita?
7. Normalmente, quais estratégias você utiliza durante a interpretação?
8. Quais são as maiores dificuldades?
9. Você trabalha sozinho ou com apoio? Se trabalha com apoio, como funciona o apoio nessa situação?

10. Normalmente, em qual língua você acha que está ancorada a sua compreensão/interpretação?
11. Sobre a sua primeira língua (a língua vocal/oral do seu país), você acha que ela influencia na sua interpretação? Se sim, de que forma?
12. Partindo de uma língua estrangeira você acredita que a sua interpretação tende a ser mais literal (próxima da língua de partida) ou mais livre (próxima do texto e cultura da língua de chegada)?

Fonte: Autoras

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas por meio de videoconferência remota gravada automaticamente.

As duas entrevistas foram realizadas no mês de março de 2021 com diferença de uma semana de uma entrevista para outra. Esclarecemos que a identidade dos participantes da pesquisa foi mantida em sigilo e que os nomes apresentados a seguir são fictícios.

Tabela 3: Participantes da pesquisa

Intérprete	Nacionalidade	Tempo de atuação	Esferas em que atua	Línguas de trabalho	Duração da entrevista
João	Brasileiro	16 anos	Acadêmica Conferências	Português Libras Espanhol	48 minutos
Esteban	Argentino	17 anos	Acadêmica Conferências	Espanhol LSA Inglês	36 minutos

Fonte: Autoras

Os participantes da pesquisa entrevistados têm vasta experiência em interpretação em diferentes esferas e contextos, a partir de sua língua materna para a língua de sinais do seu país, e a partir de uma ou mais línguas estrangeiras para a língua de sinais do seu país. Assim, ambos os entrevistados já realizaram interpretação da língua C para a língua B, conforme tabela 1.

A transcrição das duas entrevistas foi realizada na íntegra com o intuito de correlacionar os relatos dos dois participantes e criar os temas de discussões, ou seja, as categorias de análise.

Com base no movimento dialógico da análise e interpretação dos dados no âmbito da pesquisa: “o ponto de partida - um dado texto, o movimento retrospectivo - contextos do passado, movimento prospectivo - antecipação do futuro contexto” (BAKHTIN 2017: 67). Portanto, agradecemos pela disponibilidade e compromisso dos entrevistados, e também por terem compartilhado suas histórias e experiências de interpretação em contexto de conferências multilíngues.

3. Resultados e discussões

Iniciaremos as discussões com a apresentação do relato de como os entrevistados iniciaram a trajetória como intérpretes multilíngues. Segundo Bajtin (1997), por parte de cada participante do diálogo há diferentes representações axiológicas do mundo, e isso não representa contradição, sendo simplesmente o posicionamento único pensado por cada participante do diálogo.

João, intérprete brasileiro, conta que as primeiras vezes que interpretou de uma língua estrangeira (Espanhol) para a língua de sinais (Libras - Língua Brasileira de Sinais) foi em uma conferência acadêmica:

Eu acho que foi na época que eu trabalhava na [universidade] e, normalmente, tinham demandas que eram de espanhol para Libras. [...]. Então, nesse período ali sempre tinham demandas né? Então, é não foi no congresso da [universidade], foi bem antes e sempre tinha algum evento, alguma conferência que precisava de interpretação Espanhol-Libras e não tinha quem fizesse. Como meu contato começou cada vez mais aumentar, eu falei: - não, eu posso fazer. Ai na hora que era a palestra em espanhol, eu assumia, essa programação era toda em português, mas tinha uma palestra que era espanhol. Ai para não falar para os surdos: -Não a gente vai embora. Eu meio que falava: -Vou! Oh, eu compreendo bem, acho que dá pra fazer! Ai eu fui praticando nesse processo ai. Ai eu acho que eu fiz algumas coisas na época da [universidade], interpretei Cristiane Nordi falando em espanhol (JOÃO).

Esteban, intérprete argentino, explica que a primeira vez que interpretou de uma língua estrangeira (Inglês) para a língua de sinais do seu país (LSA - Língua de sinais Argentina) foi em uma assembleia relacionada às atividades da Organização das Nações Unidas sobre pessoas com deficiência:

La primer experiencia fue en un congreso en Buenos Aires que se dio en el marco de se llama la GPDD Convention es una Asamblea organizada dependiente de las Naciones Unidas que se encarga específicamente de discapacidad, pasó que había un equipo de intérpretes de lengua de señas argentina/ español había interpretación simultánea con auriculares vos ibas eligiendo el canal pero justo sucedieron dos cosas, habían contratado hasta determinada hora y en determinado momento el equipo de intérprete se fue porque no estaba cubierto esa franja horaria el servicio, había personas sordas que querían asistir a una charla, en un momento se diseminaron por distintas salas. Entonces en una sala había una persona sorda y no había intérprete y como estaba yo me ofrecí para interpretarlo. Le empecé a interpretar con el auricular en algún momento el auricular se rompe dejo de funcionar y entonces yo continué pensando que en algún momento se iba a arreglar y finalmente no se arregló el auricular al principio fue difícil como acostumbrar el oído, después de unos minutos el cerebro empezó a registrar cuál era la lengua que estaba recibiendo, empezó como a aclararse un poco las partes más pequeñas de la lengua a poder comprender el sentido (ESTEBAN).

Nas duas situações, podemos observar que os intérpretes não estavam especificamente preparados para a atuação multilíngue, mas pelas circunstâncias aceitaram o desafio e a partir do conhecimento multilíngue que já tinham e da necessidade emergencial que se apresentara iniciaram no campo da interpretação multilíngue. O intérprete João, nesse trecho apresenta em seu discurso um tom reflexivo, e titubeia no discurso: [...] *eu falei: - não, eu posso fazer. Eu meio que falava: -Vou! Oh, eu compreendo bem, acho que dá pra fazer! [...]*. O intérprete Esteban se justifica explicando as circunstâncias: *Entonces en una sala había una persona sorda y no había intérprete y como estaba yo me ofrecí para interpretarlo*. Na perspectiva bakhtiniana, “a atitude humana é um texto em potencial e pode ser compreendida (como atitude humana e não física) unicamente no contexto dialógico da própria época” (BAKHTIN 2016b: 78).

É importante ressaltar que as atuações de intérpretes de línguas de sinais em eventos multilíngues, envolvem pelo menos 03 línguas: a língua estrangeira, a língua anfitriã (normalmente a língua vocal/oral) e a língua de sinais. Essa combinação exige dos intérpretes um esforço cognitivo bastante intenso principalmente na troca de combinações durante a interpretação. É a partir desse contexto e da análise que organizamos as nossas discussões em três categorias de análise: Ser bilíngue/multilíngue; Esforços na interpretação de língua C para língua B; e Estratégias e língua base.

3.1. Ser bilíngue/multilíngue

Quando perguntados sobre o nível de conhecimento nas línguas de trabalho e a condição bilíngue/multilíngue fazem os seguintes comentários:

Então, eu..eu...não sei..nunca pensei muito nisso, mas as minhas línguas de trabalho, minhas línguas de trabalho é português como língua A. Então é língua que eu tenho desde nascimento, minha língua nativa. Libras como língua B e eu tenho espanhol como língua C.

Hoje eu to arriscando utilizar sinais internacionais também como mais uma língua de trabalho. Já tive muito contato com a ASL, mas hoje eu não uso muito. Então, não trabalho né? Na época que eu trabalhava na [universidade] a gente teve curso, muitos intercambistas.

Na época, teve um período que a gente usava e às vezes esse intercambista falava em ASL e a gente interpretava para português frequentemente assim. Então, você tinha um contato maior eu arriscava fazendo português que era minha língua A.

Então, minha língua de trabalho, eu usava isso, mas hoje eu não uso muito ASL, to tentando me desenvolver mais em sinais internacionais. Então, eu acho que eu trabalho com essas quatro línguas né? Como línguas de trabalho! Meu inglês é fraco, eu to estudando não serve para trabalhar, para interpretação é mais para comunicação básica, interação básica, mas é uma língua que eu to tentando estudar né? Eu acho que é isso que são as línguas que eu trabalho e ai eu acho pode ser multilíngue, porque são mais que duas, [Claro (Entrevistadora argentina)] mas são as línguas que normalmente eu uso para trabalhar (JOÃO).

João, o intérprete brasileiro, se diz multilíngue e classifica as línguas, e ainda faz uma observação importante, situando algumas das línguas como línguas de trabalho, o que caracteriza uma consciência sobre os usos,

experiências e repertórios, quando faz essa menção, esclarece que não é multilíngue em qualquer contexto. Mesmo com a competência declarativa, usa de modalização “*Eu acho que é isso que são as línguas que eu trabalho e aí eu acho pode ser multilíngue*” (JOÃO). Já Esteban apresenta um discurso um pouco distinto e curioso sobre a questão do multilinguismo:

Yo desde mi perspectiva me considero bilingüe si, en realidad no me parece necesario una gran cantidad de conocimiento en determinada lengua para poder ser bilingüe. Hoy en día una persona aunque no haya estudiado inglés tiene algún conocimiento que quizás no se da cuenta tal vez sabe usar un control remoto y puede poner play, forward, reward, replay me parece que hay mucho conocimiento ahí y me parece que algún punto eso habilita.... son vasitos de agua algunos tendrán más agua que otros. También que no sea un nivel léxico únicamente, también puede ser un nivel de otro tipo de competencia, que tengan competencias más culturales o más sociolingüísticas, me parece que pasa mucho con algunos CODA, que no manejan tanta lengua de señas quizás, pero si tienen mucho conocimiento cultural de la comunidad sorda (ESTEBAN).

E cómo te sentís con el inglés por eso te convidamos, ese vaso como está bastante lleno (Entrevistadora argentina)

Yo me considero con el inglés con competencia avanzada, el traductorado de inglés lo deje, pero si he rendido algunos exámenes internacionales, tengo algunas competencias más formales que he ganado con el tiempo. He trabajado como intérprete inglés/español/español/ inglés, en algún momento y he trabajado bastante haciendo traducción de inglés a español (ESTEBAN).

En Lengua de señas ¿cómo te sentís? (Entrevistadora argentina)
En niveles de competencia más que avanzado.

Como podemos observar, o segundo entrevistado, Esteban, argentino, se coloca mais receoso e não se apresenta como multilíngue, referindo-se primeiramente às duas línguas orais que transita, espanhol e inglês, se diz bilíngue, mas cita os conhecimentos em língua de sinais, dando exemplo das pessoas que são Codas (filhos de surdos). Ele não é filho de surdos, por isso faz essa comparação, apresenta reticências na sua fala, no entanto, toda a experiência comentada como intérprete de língua de sinais durante a entrevista fica claro que é proficiente em Língua de Sinais Argentina (LSA). Ainda assim, prioriza na sua caracterização as duas línguas orais/vocais, e porque não deixa isso claro no começo da entrevista precisa ser indagado sobre a língua de sinais e responde que se considera em um nível superior ao avançado em LSA. Esteban

também se justifica, quando introduz sua fala com: [...] *en realidad no me parece necesario una gran cantidad de conocimiento en determinada lengua para poder ser bilingüe [...]*. Como que pede licença para dizer que é bilíngue/multilíngue, podemos observar que se auto declarar/ classificar é sempre um terreno arenoso.

É interessante comentar, que os dois entrevistados citaram diferentes línguas vocais/orais e também línguas de sinais. Mas acabam por ser mais contidos ao se identificar proficiente em uma determinada língua ou outra, utilizando de modalizações, e também especificando suas línguas de trabalho para justificar considerar-se com nível de proficiência.

Os sujeitos ocupam lugar em cada grupo social de que participam, e desses grupos sociais constroem e carregam a memória coletiva que dá vida aos textos, configurando “o texto como enunciado incluído na comunicação discursiva (na cadeia textológica) de dado campo” (BAKHTIN 2016b: 73). No campo da tradução e da interpretação é sempre um tema delicado a auto declaração de proficiência, pois o uso da língua e da linguagem está diretamente relacionado com as situações de comunicação discursiva.

O tema da proficiência é sempre um tema importante quando estudamos sobre a atuação de intérpretes em contexto multilíngue, o nível de competência não é igual para todas as línguas, dificilmente será, e podemos considerar que a proficiência é flutuante, pois normalmente depende da aquisição de repertório específico para cada esfera e contexto de atuação do intérprete, talvez por isso os enunciados se apresentarem da forma imprecisa, em especial nesse tipo de entrevista dialogada.

3.2. Esforços na interpretação de língua C para língua B

Sobre as dificuldades na interpretação que parte de uma língua estrangeira, Esteban explica que o esforço de audição é bem acentuado por motivo da diferença de pronúncia dos fonemas, partindo do inglês e também partindo do português.

Mira, dificultades para mí fundamentalmente encuentro dificultades en la escucha y muchas como inseguridades producto de que quizás que no entienda lo que están diciendo o lo van a decir, eso está dando vueltas todo el tiempo capaz que escucho mal, intento estar un tiempo antes escuchando series, música de todo en inglés en este caso para que mi oído se vaya acostumbrando a eso, porque es tremendo hay diferencia fonológica que deviene en una diferencia de significado después por ejemplo el portugués que tienen mayor cantidad de vocales que las que tenemos nosotros quizás yo las oigo todas iguales necesito entender que en portugués puede haber diferente de significados. En inglés pasa lo mismo, hay algunas v o s ó c o t que marca cambio de significado. Eso me da mucho miedo de no captar esa diferencia de significado, pero termina siendo un miedo infundado porque la lengua no son esas partecitas sueltas sino que son esas partecitas en contexto, entonces vos terminas comprendiendo muchas cosas por el contexto donde está sucediendo eso y el contexto donde esa frase o esa palabra o ese sonido se está dando (ESTEBAN).

O intérprete João, relata que também se preocupa com ouvir bem e compreender o discurso, a partir do acento que o palestrante falante de espanhol vai usar, pois sabemos que cada país que tem o espanhol como uma de suas línguas oficiais desenvolve um sotaque ou um acento diferente vai depender da região, com alterações nos fonemas e também no léxico. Uma questão importante também é a velocidade de fala que varia entre os países *hispanohablantes*.

*Então, ou eu pesquiso sempre sobre o palestrante e sobre o material, o assunto, o roteiro curto do que ele vai falar. Então, para mim, é importante sempre ter essas duas características. Sobre o palestrante para ver a trajetória dele, mas eu sempre vejo **velocidade de fala né?** Sotaque...é é é né? De onde que esse palestrante que acento ele vai ter em espanhol, especificamente, acaba me ajudando se eu faço algum tipo de pesquisa nesse sentido. Então, um exemplo né? Nessa companhia que eu fui trabalhar é, eu fui pesquisar sobre o diretor [...] Então, qual o acento? Como ele fala? Então, tinha na internet entrevistas dele como diretor da empresa. Então, eu pude já ver a velocidade de fala (JOÃO).*

Podemos ver o relato de Esteban que cita o esforço de audição na interpretação de língua C para a língua B na conferência das Nações Unidas relata as estratégias:

Lo que sí siento es que me requirió más concentración que lo que puedo requerir en la lengua materna como es el español en mi caso. Mi cerebro trabajó mucho más en la escucha que es lo que se está diciendo además no era una situación para la que me había preparado, gente que no conocía en realidad si conocía porque trabajo en discapacidad pero no porque me hubieran anticipado (ESTEBAN).

Podemos inferir depois dos relatos que acontece uma inversão do foco nos esforços. Diferentemente da interpretação de língua A (língua materna) para a Língua B (língua de sinais nacional), onde o esforço maior é na produção em comparação com a compreensão, na interpretação de língua C (língua estrangeira) para a língua B (língua de sinais nacional), o ponto de atenção é a audição/ compreensão na língua estrangeira, observando questões relacionadas à decodificação dos fonemas (unidades mínimas), variações lexicais (regionalismos) e questões culturais. No entanto, não significa que o esforço de produção diminui, a produção deixa de ser o foco principal de atenção em comparado com a compreensão, e isso deve ser observado com cautela.

Gile (2009) explica que na interpretação, uma vez que os discursos não são ouvidos com antecedência e uma vez que sempre acontece algo inesperado, a compreensão numa vasta gama de registros e estilos na língua de partida deve ser muito boa, ou seja, ter uma compreensão suficiente de a língua de origem "a maior parte do tempo" não é suficiente.

Isto pode ser comparado com a situação de alpinistas iniciantes que embarcam numa subida difícil. Enquanto não estiverem demasiado cansados e a rocha estiver seca, não terão qualquer problema particular, mas no caso de uma queda repentina da temperatura, uma tempestade de neve ou uma dificuldade técnica inesperada, a sua perícia pode não ser suficiente para garantir a sobrevivência, enquanto montanhistas mais experientes com um nível mais elevado de perícia técnica podem ultrapassar os obstáculos com sucesso. Em qualquer caso, os elementos relevantes de vocabulário, gramática e estilo na língua de origem devem ser bem dominados (GILE 2009: 87).

Também nesse sentido, Bakhtin explica que quanto mais os conhecemos os gêneros do discurso, menor o esforço e maior é a desenvoltura com que os empregamos, e assim refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular de comunicação no nosso livre projeto de discurso (BAKHTIN 2016a).

Conforme Santos (2016) na interpretação simultânea o esforço mental despendido é grande e ele deve ter uma bagagem linguístico-cultural robusta em ambas as línguas. A autora explica ainda que a realidade da atuação do intérprete é marcada por suas escolhas linguísticas, que estão estritamente ligadas às suas vivências, a constante preocupação com suas escolhas e a busca por uma atuação de qualidade demanda um alto esforço mental. Consideramos ainda que cada conferência e cada gênero do discurso e a forma que se dá a combinação de línguas e direcionalidades vão exigir do intérprete diferentes níveis de esforços.

Para Esteban, mesmo a situação sendo inesperada, o gênero e a temática eram relativamente confortáveis e por isso ele pôde atuar, assim mesmo teve dificuldades de compreensão. Também João, em seu momento de preparação, tenta antecipar a temática e o estilo, aspectos do gênero do discurso.

Considerações Finais

A atuação de intérpretes intermodais em contexto multilíngue não é uma prática nova, entretanto vemos que os estudos da interpretação ainda precisam lançar um olhar mais apurado para compreender essa prática até o momento, em especial porque diferentemente dos intérpretes de línguas orais/vocais que atuam normalmente com apenas um par linguístico, os intérpretes de línguas de sinais que atuam em contexto multilíngue se veem obrigados a intercambiar entre no mínimo três línguas, em diferentes direções. E é comum que, mesmo tendo o par linguístico específico para atuar, tenha que fazer apoio em uma combinação linguística diferente da estabelecida para sua atuação.

Sobre o tema do bilinguismo/ multilinguismo, observamos que os níveis de competências não são exatamente iguais entre as línguas e que a proficiência é flutuante considerando a necessidade de repertório linguístico e cultural diferente em cada demanda, a depender da esfera e do nível de complexidade dos gêneros a serem interpretados.

Quando abordamos do tema dos esforços para a interpretação simultânea em conferência multilíngue, observamos uma inversão entre os esforços de

produção e de compreensão, de acordo com os exemplos de interpretação de língua C (língua estrangeira) para a língua B (língua de sinais nacional) apresentados pelos entrevistados, pudemos perceber que o ponto de atenção é a audição/ compreensão na língua estrangeira, o contrário da interpretação de língua A (língua materna) para a Língua B (língua de sinais nacional), onde o esforço maior é na produção em comparação com a compreensão. É claro que essa inversão não é simples, e vai depender de uma série de fatores, não somente da proficiência, como também das diferentes competências específicas em diferentes níveis, para cada trabalho de interpretação. Assim mesmo, ressaltamos que esse é um tema importante na formação de intérpretes de línguas de sinais, especialmente para a atuação em conferências.

Observamos que a presença da tradução e da interpretação para a língua de sinais como forma de garantir a acessibilidade e a inclusão social para pessoas surdas é uma realidade em diferentes países. O contexto multilíngue já é uma prática, no entanto, impulsionado pela pandemia do Covid 19, um novo contexto de trabalho de interpretação remota multilíngue passa a ser frequente e a compreensão dessa realidade é necessária. Ressaltamos que estudos específicos sobre a atuação de intérpretes de línguas de sinais em contextos multilíngues precisam ser organizados, em especial para embasar a formação profissional.

Referências

- ALLC. *Regulation governing admissions and language classification*. Version amended at the 2018 Assembly (Valencia). Published: February 26, 2014
Last updated: August 8, 2018. Disponível em:
<https://theinterpreterdiaries.com/2011/06/10/learning-your-abcs-the-interpreters-languages-part>
- ALBIR, A. H. *Traducción y Traductología Introducción a la traductología: España*, Madrid, 2001.
- BAJTIN, M. Hacia una filosofía del acto ético In: BAJTIN, M. *Hacia una filosofía del acto ético. De los borradores y otros escritos* / M.M. Bajtin; tradução do russo por Tatiana Bubnova. Barcelona: Anthophos; San Juan: Universidad de Puerto rico, 1997.

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Org. Trad. Posf. e Notas Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016a. [1952-53], p. 11-70.
- BAKHTIN, M. *O texto na linguística na linguística, na filologia, e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica*. In: BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. Org. Trad. Posf. e Notas Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016b [1959-61], p. 71-107.
- BAKHTIN, M. *Por uma metodologia das ciências humanas*. In: BAKHTIN, M. Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas. Org. Trad. Posf. e Notas Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017 [1930-40], p. 57-79.
- CAMPOS, M. T. R. A. *Teias do tempo: o jovem do ensino médio como sujeito na gestação do futuro*. 2018. 365 f. Tese de Doutorado LAEL - PUC - São Paulo, 2018. Disponível em:
<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21804>
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GILE, D. *Basic concepts and models for interpreter and translator training* - Rev. ed. p. cm. Benjamins Translation Library, issn 0929-7316 ; v. 8, 2009.
- HARMERS, J. E BLANC, M. *Bilinguality and Bilingualism*. Cambridge University Press, 2000.
- JOB, R. S. P. *Estado do Conhecimento dos Contextos de Atuação Profissional do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais*. Trabalho de conclusão de curso - Graduação Bacharelado em Letras Libras UFSC. 2018. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188148>
- MEGALE, A. H. Bilingüismo e educação bilíngüe - discutindo conceitos. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - *ReVEL*. V. 3, n. 5, agosto de 2005. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br]. Disponível em:
http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_5_bilinguismo_e_educacao_bilingue.pdf
- MEGALE, A. H. *“Eu sou, eu era, não sou mais”*: Relatos de sujeitos fal(t)antes em suas vidas entre línguas. São Paulo: 187 p., 2012. Dissertação (Mestrado) - PUC- São Paulo. Disponível em:
<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13559>
- MEGALE, A. H. Educação bilíngüe de línguas de prestígio no Brasil: uma análise dos documentos oficiais. *The ESPECIAList*, 39(2), 2018. Disponível em:
<https://doi.org/10.23925/2318-7115.2018v39i2a4>
- NOGUEIRA, T. C. *Intérpretes de Libras-português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine*. Dissertação de Mestrado - PGET- UFSC - Florianópolis, 2016. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/167619>
- PAGURA, R. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. *D.E.L.T.A.*, 19: ESPECIAL, 2003. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/%0D/delta/v19nspe/13.pdf>

PÖCHHACKER, F. *Introducing Interpreting Studies*. New York: Routledge, 2004.

PÖCHHACKER, F. Conexões fundamentais: Afinidade e convergência nos estudos da interpretação. *Scientia Traductionis*, n.7, 2010, p. 61-75. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2010n7p61>

SANTIAGO, V. DE A. A.; ANDRADE, C. E. DE A. *Surdez e sociedade: questões sobre conforto linguístico e participação social*. In: ALBRES, N. A. (Org.); NEVES, S. L. G. (Org.). *Libras em estudo: política linguística*. 1. ed. São Paulo: Feneis, 2013. v. 5. P. 145 - 163.

SANTIAGO, V. DE A. A.; LOURENÇO, G. *A atuação do intérprete relay em contextos de línguas de sinais como língua-A e língua-C* In: Evento: XI Congresso ABRALIN - Linguística na contemporaneidade: Desafios, Debates e Proposta, Maceió, 2019.

SANTIAGO, V. DE A. A. *Palavra, vozes e memória discursiva: concepções sobre ética do tradutor e intérprete de língua de sinais*. Tese de Doutorado LAEL - PUC - São Paulo, 2021. Disponível em:

<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/23662>

SANTOS, S. A. DOS. Questões emergentes sobre a interpretação de Libras-português na esfera jurídica. *Belas Infiéis*, v. 5, n. 1, p. 117-129, 12 jul. 2016. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/11372>

Acesso em: 18 de março de 2021.

SZYMANSK, H. *A entrevista na educação: a prática reflexiva*. 4. ed. Brasília: Liber Livro, 2011.